

## AS ADAPTAÇÕES E O ENSINO DE LITERATURA.

Heloisa Helena Pedrosa  
UNESP/Araraquara

Ao cursar a disciplina Literatura Infanto-juvenil, na UFU, tive contato com o problema das adaptações e dos livros paradidáticos feitos pelas editoras, assim como conheci a série Reencontro, que lançou a Scipione no mercado editorial de literatura infanto-juvenil em 1984, com adaptações de clássicos universais, tendo sido já editados mais de 50 títulos, de acordo com o catálogo de 2001 da editora. A proposta da coleção é o acesso do leitor infanto-juvenil às grandes obras da literatura universal e, mais recentemente, da nossa literatura com obras adaptadas de Aluísio Azevedo, *O cortiço*; de José de Alencar, *O guarani*; de Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*; de Raul Pompéia, *O Ateneu*; de Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias* e de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra escolhida para a análise.

O adaptador, José Louzeiro, apresenta, na introdução das *Memórias*, uma nota em que justifica o trabalho de adaptação como um ato de "admiração pelo escritor", acrescentando que é uma tentativa de divulgação para "jovens leitores" e que, por essa razão, tentou-se manter "o vigor narrativo do autor", com "sua poderosa criatividade e fina ironia".

Ao explicar a intenção do trabalho adaptativo também dá conhecimento ao leitor do processo utilizado:

As maiores dificuldades surgiram nos momentos das necessárias elisões, em função de ter de selecionar os elementos romanescos e, também, da atualização de certas palavras e até de expressões inteiras. Trabalhamos a partir da síntese de alguns trechos da obra.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> LOUZEIRO, José. Nota do adaptador. In: ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Adaptação de José Louzeiro. São Paulo: Scipione, 1998. p. 5.

Já fica claro que o processo usado é de redução generalizada do texto original, pois a adaptação possui 58 capítulos que condensam os 160 da obra. Isso permite dizer que se trata de um tipo de resumo em que o autor cita, parafraseia, suprime trechos e cria outros com base na obra original.

As adaptações, de acordo com o catálogo de paradidáticos (distribuído em 2000) da Série Reencontro, justificam-se pela necessidade de “recontar os clássicos em uma linguagem acessível e que agrade a todos, principalmente aos jovens”, além de serem referendadas pelo MEC.

O “recontar”, na minha opinião, é um procedimento de escrita, em que estão implícitas a interpretação do texto original e a produção de um novo texto, tratando-se de uma operação de intertextualidade, já que a narrativa machadiana é retomada por outro escritor que promove escolhas de toda ordem em função da necessidade de resumir a história e de tornar o romance mais acessível.

Isso significa que o adaptador interfere na obra machadiana atuando como outro escritor. Parece-nos que Louzeiro e a editora Scipione acreditam que as obras clássicas não estão à altura interpretativa do aluno e que, por isso, é necessário simplificar a história e o discurso visando a um maior entendimento, adaptando-a à linguagem contemporânea, o que, conseqüentemente, modifica o estilo do autor. Não seria essa uma falsa solução para o problema da dificuldade de compreensão e/ou desinteresse do aluno pelo texto literário nas escolas? Pois, ao afastar o aluno do texto completo, restringindo a leitura da obra ao texto adaptado, não estão sendo avaliadas as perdas que o aluno terá em seu processo de formação como leitor pleno.

Baseando-se nas palavras, elisão, seleção, atualização e síntese, usadas por Louzeiro, fica difícil entender como o texto original, após essas operações, pode ser mantido, já que a estrutura narrativa é modificada e dessa forma são também alterados o discurso e a história.

Em contato com as adaptações dessa coleção, constatei, assim, que não eram meros resumos das histórias em questão, e sim, reduções das obras originais em que se misturavam partes originais com partes resumidas. Deve-se lembrar que os cursinhos pré-vestibulares são, geralmente, os responsáveis pela prática dos resumos de obras, que normalmente trazem o enredo condensado em poucas linhas e a mostragem de alguns capítulos originais para que o aluno tenha “contato” com a obra estudada.

Esses resumos já são objetos de muita crítica, não só por parte dos professores, mas também dos alunos, pois reduzem a obra ao simples conhecimento da história e não do conjunto narrativo, o que facilita a recepção das adaptações como as da Scipione, que tentam, mais do que resumir o enredo, manter “traços estilísticos” do escritor, fazendo, dessa forma, que sejam oferecidos e aceitos, nas escolas, como similares às obras originais.

Ceccantini<sup>2</sup> diz que as adaptações dos clássicos literários têm sua origem “com o advento da ‘indústria cultural’ que” as “lançam no mercado... mediadas por diferentes linguagens (a do cinema, a do desenho animado, a dos quadrinhos, a da própria linguagem literária)”, e esse fato divide a opinião de muitos professores a respeito da validade ou não desse tipo de alteração que a obra literária sofre.

No entanto, a polêmica não inibe o mercado editorial, que lança, como é de conhecimento de todos, inúmeros títulos paradidáticos, e reedita várias obras da literatura nacional consagradas como clássicas por serem, em sua maioria, representativas de um determinado movimento ou período literário, estudadas no ensino médio e cobradas nos exames vestibulares das universidades.

Os vestibulares tornaram-se e, assim, permanecem como porta de entrada para qualquer curso superior, que ainda é visto como responsável pela possibilidade de ascensão social e

---

<sup>2</sup> CECCANTINI, João Luís C. T. A adaptação dos clássicos. *Proleitura*, Assis, n. 13, p. 6, 1997.

econômica, num mercado capitalista regulado pela aquisição de bens, que são gerados pela força de trabalho, o que significa dizer, em última análise, que a busca da escola é antes de qualquer coisa, nos dias de hoje, uma possível garantia de trabalho. Sem a educação “formal” não há espaço no mercado de trabalho, embora o inverso não se dê atualmente, ou seja, a aquisição de diploma não mais garante emprego adequado.

Assim, tem-se uma busca desenfreada pela instrução em diferentes níveis, pois se o diploma adquirido não garante o direito a uma vaga, os certificados podem melhorar o grau de competência do sujeito.

Observa-se no Brasil, que isso tudo é o resultado de uma política educacional que não permite a alteração desse ciclo vicioso que transformou o conhecimento em mercadoria. De um lado, as escolas públicas desprovidas de verbas para suprirem as necessidades que permitem fazer-se uma real educação para acabar com as iniquidades da sociedade. De outro lado, as escolas privadas que se colocam a serviço das camadas médias e altas, no que se refere ao ensino fundamental e médio, e perpetuam, dessa forma, um tipo de ensino elitista, que reafirma a educação como mercadoria, e tornam-se transmissoras de um conhecimento, que está mais na esfera informativa.

A consequência dessas alterações educacionais é que a literatura passe a ser desprovida da “natureza humanista trazida de suas origens”, mantendo-se no currículo escolar por exigência do vestibular.

As adaptações de clássicos aparecem, dessa forma, num momento em que os resumos de vestibular suprem a leitura integral, como uma resposta ao pouco tempo que o aluno tem para ler, ainda que o currículo do ensino médio preveja a leitura da maior parte desses títulos. Sendo melhores alternativas para os professores do ensino médio que, geralmente, pactuam com esse formato de ensino de literatura.

A escola, como muito já foi aqui discutido, acaba contribuindo para o distanciamento do aluno em relação à leitura, já que os clássicos são inseridos num ensino de literatura voltado para a periodização, dentro da “visão histórica” e, dessa forma,

os docentes precisam se adaptar à ótica evolucionista que tende a ignorar a produção literária contemporânea e a examinar os textos sob o enfoque das escolas artísticas ou períodos estéticos que eles representam ou exemplificam. Atendendo a novos segmentos sociais, o ensino da literatura vê romperem-se os canais de comunicação entre o patrimônio literário e o público estudantil, cuja rejeição traduz-se na não-leitura e na preferência por outros meios de expressão.<sup>3</sup>

As editoras, atentas, oferecem solução para o problema, como as adaptações, que não são uma novidade para os leitores, pois, vale ressaltar, mesmo que a intenção não seja recuperar a história desse gênero, que Monteiro Lobato fez vários trabalhos de adaptação literária para o público infantil, o que, muitas vezes, valida essa prática.

Como o mercado editorial, preocupado com a esfera do lucro, busca uma grife para sua mercadoria, não há nada melhor do que a fórmula encontrada, de juntar um clássico, que já tem seus direitos autorais liberados, com um adaptador, que tem renome na área literária. Esse procedimento garante respeitabilidade ao produto. Entre os argumentos das editoras e dos adaptadores, para tais adaptações, está o de não se querer substituir o texto integral, mas proporcionar um convite à leitura do original, já que os clássicos estão, em sua maioria, distantes do aluno, no tempo e na linguagem.

No entanto, o que afasta o aluno de uma obra não é, geralmente, o desconhecimento de sua existência, pois, de acordo com Figueiredo<sup>4</sup>, “o fato de serem freqüentemente resumidas,

---

<sup>3</sup> ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991. p. 136.

<sup>4</sup> FIGUEIREDO, Luiz Antonio de. Nota sobre os clássicos. *Proleitura*, Assis, n. 13, p. 8, 1997.

condensadas ou adaptadas para outros mídia, demonstra a irrevogabilidade de sua presença, pois é de sua natureza participar de todas as épocas, sem se esgotar em nenhuma”, o porquê desse afastamento está na dificuldade que grande parte dos alunos têm em ler de forma plena qualquer enunciado.

Demonstra-se, dessa forma, que as editoras que lançam as adaptações apostam no achatamento desse estudante e na impossibilidade de uma educação que desenvolva as condições para uma leitura crítica.

Sabemos que os textos adaptados são uma forma estranha de responder aos problemas que a escola enfrenta e, também, a própria sociedade. Mas desde que transformaram a educação em mera informação, tem-se destruído o intelecto, a criatividade, a capacidade de escolha dos jovens, condições que o mercado de trabalho, paradoxalmente, exige dos possíveis empregados, pois as empresas necessitam daqueles que criam alternativas para resolver os problemas. Um paradoxo caro à humanidade, porque já está comprovado que o conhecimento é uma ponte que liga vários universos e como tal pode representar a vontade da mudança.

O porquê para tanta deturpação do papel da literatura não seria, dessa maneira, por ser o seu conhecimento capaz de abrir um caminho de libertação da realidade imposta, quando, por meio da ficção, coloca o leitor em contato com o que é o real hoje e o que poderia ser, agindo, dessa forma, como um instrumento poderoso que aumentaria a percepção do leitor dando-lhe condições para questionar a estrutura social dada?

Segundo Leyla Perrone-Moisés<sup>5</sup>,

---

<sup>5</sup> PERRONE-MOISES, Leyla. *Flores da escrivania*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 102 e 104.

A literatura, felizmente, continua existindo, apesar de não acreditarmos mais na possibilidade de a linguagem representar ou expressar um real prévio, criar, inventar, ou produzir um objeto que seja auto-suficiente ou, pelo contrário, reabsorvido e utilizado pelo real concreto. A literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer. Na sua gênese e na sua realização, a literatura aponta sempre para o que falta, no mundo e em nós. Ela empreende dizer as coisas como são, faltantes, ou como deveriam ser, completas. Trágica ou epifânica, negativa ou positiva, ela está sempre dizendo que o real não satisfaz.

Talvez por esse caráter revolucionário que a literatura seja diminuída no âmbito educacional, assim como as demais expressões artísticas. Antonio Candido (1995), em seu belo ensaio “O direito à literatura”, fala do papel humanizador que a literatura pode atingir se for permitido o acesso a ela.

Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido.<sup>6</sup>

Alterar a forma é também alterar o conteúdo de uma obra. E é por essa razão que uma adaptação, na minha opinião, mutila a obra, causando um prejuízo ainda maior ao leitor que, além de perder o prazer de adentrar ao texto como ele foi concebido pelo escritor, julga tê-lo lido. O que dificilmente o fará retornar ao original, pois essas adaptações da Scipione podem ser entendidas como originais e não como resumos.

A aceitação desse tipo de material mostra-se um desrespeito aos escritores e à literatura. O que demonstra a necessidade de discutir não só o problema da aceitação, mas por que essas adaptações são ruins.

---

<sup>6</sup> CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 246.